



BATALHA DE CAMBEDO

Dez anos e meio após o levantamento militar fascista na Espanha, a 21 de dezembro de 1946, tinha lugar numha aldeia portuguesa achegada à Galiza a nomeada Batalha de Cambedo. Um episódio no qual a solidariedade entre galegas e portuguesas há desafiar o esmagador poder repressor dos governos de Franco e Salazar.

CRIAÇOM

Xosé Uxío Diz Tilves é originário do concelho morracense de Marim, da paróquia do Seixo. Escreve cousas haverá como uns trinta e tal de anos, mais da metade dos seus recém cumpridos sessenta. O currículo literário nunca lhe preocupou, polo que é bem escasso. Publicou na já finada 'A Nosa Terra' e nalgumha revista de Marim e Ponte Vedra.

CINEMA

«A evasiom é reaçom. O apolítico nom existe». Contundente sentença de José Manuel Sande, autor este mês da seçom que dedicamos ao cinema. O seu artigo, *Presenças e renúncias*, analisa vários exemplos de compromisso social e político no audiovisual.

A GALIZA NATURAL

Do assentamento dos suevos na Gallaecia

R. Melide

Desconhecemos o itinerário seguido pelos suevos dentro da Península Ibérica, pois depois do périplo europeu externo a esta, as seguintes menções ubicam-nos já na Galiza. Por palavras de López Carreira, é fácil imaginar que teriam utilizado a via procedente de Bordéus para Astorga, encaminhando-se para esta *provincia*. Talvez tenham chegado no ano 410. Idácio data no 411 um pacto *ad inhabitandum* e o assentamento na Gallaecia deles e mais dos vândalos asdingos, ocupando concretamente os suevos a zona sita “in extremitate oceani maris occidentum”, o que interpretamos como a parte ocidental da provincia da Gallaecia.

A crónica do nosso autor suscitou um par de incógnitas. A primeira é referida ao pacto mesmo (“*sorte ad inhabitandum*”, escreve), de que se quis deduzir um repanto a sortes das provincias hispanas, quando em realidade o que o texto assegura é que dessa maneira foram repartidas as regiões das provincias (“*sibi provinciarum dividunt regiones*”), por meio de algum acordo com os *possesores* para arbitrar o acesso à propriedade da terra, provavelmente

consoante o citado esquema de aquisição do terço.

Nada nos é dito, em consequência, da razão nem da maneira como os suevos atingiram a Galiza. Reinhart desconfia da existência do *foedus* com o Estado romano, mas Schmidt deduz a sua existência, datando-a no ano 410, como já tinha sido entendido por Mommsen e como ratificou posteriormente C. Torres, assinalando a exclusão de Máximo, que já não era imperador naquelas datas. Não há certezas ao respeito, mas é certo que determinados aspetos se fazem mais congruentes no suposto da existência do *foedus*.

Ao longo de três reinados (até ao de Requiário, em meados do século V) os suevos cunharam moedas de prata com o nome de Honório, que se prolongam ainda bastante tempo depois da sua morte, o qual sem dúvida tem múltiplas implicações, mas levamos de entrada a pensar num particular entendimento com este imperador, quer dizer, num assentamento territorial pactuado que excluísse a violência contra o quadro legal.

Durante mais de duas décadas (todo o reinado de Hermerico até ao ascenso de Requila ao trono) as relações entre os suevos e o Es-



tado romano foram cordiais. Entre os anos 416 e 418, o visigodo Vália atua em nome de Constâncio contra os vândalos silingos residentes na Lusitânia e na Bética e contra os alanos, cujos restos derrotados veem momentaneamente refúgio na Gallaecia. Os inimigos dos suevos irão ser agora os vândalos asdingos. No ano 419 o exército suevo foi cercado por eles nos montes Nerbassos. A resolução desta situação foi muito favorável para os suevos, pois os vândalos evacuaram toda a Gallaecia, que passou íntegra ao domínio suevo.

O episódio em si mesmo e as suas importantes consequências põem de manifesto algo mais do que uma esporádica coincidência: revelam o funcionamento de

uma aliança militar entre Roma e os suevos, semelhante à que tinham assinada com os visigodos, com os que consta explicitamente a assinatura de um *foedus*. O choque dos suevos com Roma, e por extensão com os visigodos, é posterior.

Mas, qual é esta Galiza em que então se estabelece o que desde este momento deve ser já denominado como Reino suevo? A pergunta tem resposta fácil. Esta é-nos oferecida por Orósio com plena clareza, mas merece uma reflexão, vista a estabilidade territorial do reino e a persistência posterior do conceito de Galiza.

Que a Gallaecia romana excedia os limites da atual Comunidade Autónoma é sobejamente conhecido. Atingia pelo sul o rio

Que a Gallaecia romana excedia os limites da atual Comunidade Autónoma é sobejamente conhecido. Atingia pelo sul o rio Douro e pelo leste abrangia terras das atuais Astúrias e Castela e Leão

Douro (o *convento* bracarense) e pelo leste abrangia terras das atuais Astúrias e Castela e Leão. A documentação da alta e plena Idade Média não permite duvidar que o rio Esla –ou mais bem o Araduei– constituía um limite indiscutível, enquanto a comarca situada mais a leste (até ao Pisorga, os *Campus Gallaeciae*, hoje Terra de Campos) esteve submetida a vicissitudes que, ainda testemunhando a sua pertença à Gallaecia, também testemunhavam uma integração menor. Em vista de que os esquemas administrativos romanos foram transmitidos ao longo do período medieval, o argumento adquire mais valor. Orósio assegura taxativamente que “*Cantabri et Astures Gallaecia provinciae portio sunt*”.



EM TEMPOS

O CAMBEDO NO CONFIM DA MEMÓRIA (I)

Dez anos e meio após o levantamento militar fascista na Espanha, a 21 de dezembro de 1946, tinha lugar numha aldeia portuguesa achegada à Galiza a nomeada Batalha de Cambedo. Aqui nasce a modo de grande fito para a história da resistência nacional um episódio em que a solidariedade entre galegas e portuguesas há desafiar o esmagador poder repressor dos governos de Franco e Salazar. Ainda assim, nom será até o 1993 quando saia do silêncio a Batalha do Cambedo, na qual dous combatentes resultárom assassinados, um outro preso, dúzias de vizinhas apresadas, quinze posteriormente condenadas, e com a aldeia arrasada pola artilharia dos militares portugueses. A falta de divulgaçom do fito nom fai justiça à gravidade dos feitos, decisivos para a continuidade da guerrilha.

J. Sanches

Soutelinho, Cambedo e Lamadarcos som três aldeias do português concelho de Chaves, limitrofes com os galegos Oimbra e Verim que, tendo pertencido à Galiza, fôrom entregues em troca das aldeias que conformam o Couto Misto no 1864. Estas três aldeias som nomeadas como os Povos Promísucos, pois ainda sem os privilégios e direitos do Couto, o quedarem ao pé da raia fazia com que fora doado evitar os abusos estatais. Este espaço de transiçom e indeterminaçom dos poderes converteu-se com o tempo em passo e estância de quem quigera arredar-se do peso das leis lusas ou espanholas. E com esta herança vai ser como com o começo do genocídio franquista na Galiza passe a ser de especial importância para as perseguidas e resistentes. O levantamento militar cevou-se com força na comarca de Viana, pois aqui a uniom das trabalhadoras do ferrocarril tinha configurado umha das mais férreas defensas da República na Galiza. Finalmente, a maioria das fiéis ao governo republicano tiveram de passar a raia procurando refúgio em Portugal, país do qual muitas acabárom sendo devoltas pola PVDE (Policia de Vigilancia e Defesa do Estado) para ser ajustiçadas em Espanha, o qual supunha muitas vezes receber um tiro a pouco de passarem a fronteira. A situaçom de escárnio era tal na zona que nom se permitiam o luito nem os funerais polas caídas contra as forças nacionais. Assim, ante o medo, a represália e o latrocínio instaurados nas comarcas de Monte Rei e Viana, poucos anos depois do levantamento começarám a funcionar várias partidas de combatentes polos seus montes.

Mas é ao erguer a bandeira da vitória o exército de Franco

quando mais cruamente se vai sentir nestas terras a perseguiçom, o qual levará às fugidas a agruparem-se nas formaçoms guerrilheiras e lutar de um jeito organizado, criando no 1942 a Federaçom de Guerrilhas LeomGaliza, que apesar do nome funcionaria com uns 100 homens, dos quais a maioria eram galegos, e quase sempre em território galego. Os montes de Casaio, em Valdeorras, vam ser o eixo da açom da guerrilha, a qual terá em julho de 1946 um decisivo congresso em que se tentavam unir o Exercito Guerrilheiro e maila Federaçom de Guerrilhas, o qual vinha sendo umha clara necessidade da resistência, já que de maneira significativa, no oriente ourensano, coexistiam duas II Agrupaçoms de cadansua filiaçom. Mas justo quando estavam para aprovar a unificaçom sofrem um ataque da Guardia Civil, o qual impede a realizaçom deste processo, sobre todo ao serem assassinados Francisco Elvira e Arcadio Rios, partidários do mesmo. Nesta linha, cara a finais do 1946 e perto dos acontecimentos no Cambedo, a Federaçom já está em processo de descomposiçom e tanto interna como externamente começa a falar-se de abandono. Coletivos como CNT e PSOE aconselham e apoiam a saída dos seus.

Mas, entretanto, há que ver como se desenvolvem os feitos desde Portugal, recuando até o 45. Neste ano nasce a partida de Demétrio Garcia Álvares “Pedro” e Joám Salgado Ribeiro “Facundo” ou o “Juan” na raia, atuando na zona de Verim e com grande apoio no lado português. Esta partida, mais que por uniom ideológica, funcionava com as redes afetivas e vicinais, pois Demétrio era das Chás e a sua irmã casara para o Cambedo, e Joám era de Casas dos Montes, a dous quilómetros da raia. Para o verao do 46, aliás da partida de Demétrio, andam

pola sua zona um bom número de guerrilheiros doutras partidas, como Girom Bazám, Orozco Palácios, Henrique Oviedo, Angel Rodrigues e Alfredo Yáñez Domingues “O Aguirre”. No 16 de setembro estes e mais Bernardo Garcia Garcia com Joám Salgado entram em Portugal direçom Negrões para executar António da Sousa Pinto, que durante a guerra tinha entregado a um fugido à Guardia Civil. A partir daqui, as cousas em Portugal vam-se complicar para os guerrilheiros, com maior acoso por parte das forças lusas e umha forte campanha mediática que a olhos das gentes do sul da raia converterá os combatentes, anteriormente simples contrabandistas, em assassinos e *bandoleros*.

É nesta situaçom, com a guerrilha em descomposiçom e afogada e o vizinho português em alerta, quando “Gafas” e “Marrofer”, representantes das distintas posturas em quanto à continuaçom da guerrilha, quedam em Portugal e acordam reunir a todos os chefes de partida na raia para finais do 46. A primeiros de dezembro, paralelamente, um militante da CNT apresenta-se numha reuniom com comerciantes de Verim, na qual desconheciam a sua filiaçom e na qual alguém comenta que “se está preparando umha boa na raia”, do qual informaria o cenetista aos guerrilheiros da raia para que se pugeram a salvo. Mas, ao parecer, aos combatentes que nesse momento estavam no Cambedo; Demétrio, o “Juan”, Bernardino Garcia e Manuel Bárcia, nom chegou a mensagem. No mesmo tempo, reforçam-se os destacamentos militares espanhóis e portugueses. O “Gafas”, neste mês, contata com dirigentes do PSOE no exílio e com os companheiros da Federaçom afins ao abandono da luta, dando num resgate com apoio inglês numha praia asturiana. Poucos dias depois serám cercados numerosos combatentes na aldeinha do Cambedo.





A FOTO



Braga, 2015
(Sabela Iglesias)

CRIAÇOM

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e to-
das estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Xosé Uxío Diz Tilves. Seguramente teram-no visto na sua cadeira eléctrica com rodas polas ruas de Compostela, onde reside desde há já uns quinze anos. **X**osé Uxío (nomes herdados dos dous avôs finados) é originário do concelho murracense de Marim, da paróquia do Seixo. Escreve cousas haverá como uns trinta e tal de anos, mais da metade dos seus recém cumpridos sessenta. O currículo literário nunca lhe preocupou, polo que é bem escasso, agás que a Associação Cultural Santa Cecília de Marim tivo a bem publicar um tríptico denominado "projetos poéticos" no ano 1984. Também tem publicado na já finada 'A Nosa Terra' e nalgumha revista de Marim e Ponte Vedra.

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!
uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

Esta...
esta é a Poesia do Berro da Desesperança
da desesperança do berro encadeirado

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!
uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

Esta é-che-vos umha prova, um ensaio:
é um teste quie lanço a nom sei onde...
escuitade, escuitade este berro maldito
que vos berra: Uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

é muita merda
muita merda foi-se acumulando no meu corpo
[tolheito...
no meu corpo maltreito

neste vosso-meu corpo espontáneo
[e anti-publicitário do que desertam
as fêmeas copulativas...

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

Olhade-me!!!

Olhade-me vós todos!!!
da impiedade inorgásmica
com que nos burocratizam
eletiva e bezerramente cada quatro anos

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

Eles: os cínicos robots diri-gentes lambecus
[do imperialismo

babejam dogmas de "LIBERDADE" que
[assassinam quando se "rebela"...

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....! uaaaaa.....!

Morrem mortos massacrados, as gentes do

Povo Plano;
o Poder sucursaliza homens bem colonizados!!!

Uaaaaa.....! uaaaaa.....! uaaaaa.....!
uaaaaa.....!

"Porque Cuba va"
Lanço-che estas Frechas de Humana
[Solidariedade.....]

Uaaaaa.....! uaaaaa...! uaaaaa.....!





LÍNGUA NACIONAL

Glocal: Língua global, fala local

Isabel Rei Samartim

A Xunta (Junta da Galiza) assinou no mês de fevereiro deste ano um Memorando com o Instituto Camões a respeito do ensino de língua portuguesa na Galiza. O texto do Memorando, que o governo demorou um mês em fazer público, implementa a língua portuguesa como matéria optativa dentro do ensino primário, secundário e especial, mas com uma grande preocupação por desenvolver estas ações no âmbito das línguas estrangeiras.

De facto, o Memorando tem sido redigido três vezes: Uma, em Castelhana. E mais duas, em duas formas de Galego: A corriqueira da Xunta (o mito da norma oficial) e a internacional, mais co-

nhecida como Português. Só faltava que num texto destas características a Xunta banisse o uso da norma comum. Pois desta não, o Memorando também vai escrito em português.

O texto não implica os contratantes, Xunta e Instituto Camões, em obrigações de natureza jurí-

ca, portanto, pode ser doadamente anulado. Aparece como um dos escassos desenvolvimentos da Lei Paz-Andrade, em vigor desde o mês de abril de 2014. Fala da criação dum programa e dum plano de atuação para a implementação do estudo de português, mas não faz referência ao profes-

sorado galego de português, nem a outras entidades que poderiam ajudar a realizar o mesmo labor.

Não parece, pois, um texto completo, nem uma declaração clara de intenções em favor do desenvolvimento do Galego Internacional. Pelo contrário, diminui o valor social do português na Galiza ao ficar redondamente assumido como língua estrangeira, à par do inglês e do francês já presentes no sistema educativo. Também em certa medida desvirtua a Lei Paz-Andrade que estabelece a língua portuguesa como objetivo estratégico, intercompreensível e que nasce na própria Gallaecia, o qual é um reconhecimento sem precedentes, um reconhecimento que nem sequer o Castelhana tem.

Por fortuna, o professorado de

ensino primário, secundário e especial pode solicitar o programa plurilíngue para usar português nas aulas sem aguardar pelos passos de tartaruga do atual, mas não permanente, governo da Xunta. A autoformação d@s profissionais da educação tem sido esmagadoramente mais exemplar e efetiva, de maneira que hoje contamos com bastante professorado capaz de ministrar a sua matéria em português.

Perante a ineficácia dos governos, a eficaz iniciativa das pessoas. A maioria da gente já sabe que o português é língua galega. Sejamos Glocais: Pensar global, fazer local. Translademos ao nosso alunado as vantagens da língua global dentro do nosso contexto local e saberemos que estamos a plantar semente de futuro.



CINEMA

Presenças e renúncias

José Manuel Sande

O grande documentalista e fotógrafo francês Raymond Depardon filmou em 1974 a campanha eleitoral que levaria à presidência da República ao político conservador Valéry Giscard d'Estaing (Coblença, 1926). 50,81% (a sua percentagem de votos final) ou 1974, *Une partie de campagne* inquietou profundamente a Giscard. O retrato do pró-homem, elegante à par do que revelador, antecipa ou parece prefigurar o marketing político na Europa.

Giscard era um acrobata do vazio. Mas longe de arriscar, no filme mostra-se como um ser calculador e especialmente sibilino, umha criatura ensimesmada fora de qualquer vínculo com a sociedade. Um clássico da política moderna, metáfora já quase vulgar, a tutelação implícita da frase "A sociedade nom existe", proferida por Thatcher, é só um sinal das fendas da política formal moderna. Episódios intercambiáveis. E exemplos emblemáticos: o filme de Depardon foi censurado e nom pudo ver-se até fevereiro de 2002, depois



de umha tremenda negociação com o estadista europeísta.

Depardon remetia a *Primary* (1960) de Robert Drew, outro documento observacional, o seguimento da famosa campanha de JFK. A história do cinema, entre outros muitos escolhos ou antagonismos, contém um habitualmente obviado: que acontece quando o feito político é filmado? Nem sequer a democratização dos formatos digitais abandona a esteira da correção, desamparo do presente mais acuciante ou o medo ao que dirám. Os premiados e interve-

nientes na gala recente dos Prémios Mestre Mateu –com escasas exceções– apontalam um pouco mais este panorama, logo tildado de pesebrista. Porque todo exercício de deserção do reivindicativo devém eloqüente.

Na Galiza, um personagem de raça que poderia ter sido formidável para o cinematógrafo, Manuel Fraga, com a sua singular trajetória, autoritarismo óbvio e congénito ou oratória afastada da capacidade dos tecnocratas de hoje, nom tivo mais do que um retrato anedótico em *Fraga y Fidel, sin embargo* (2012), apesar

de que a sua época foi agasalhada com o filme coletivo *Hai que botalos* (2005), onde entendimento e processo coletivo caminharom por umha vez da mao. A tendência ao minifundismo racharia-se alguma outra vez –com o predomínio da vertente militante no filme sobre o projeto da Casa das Atochas e a aproximação cultural ao poemário de Xosé María Díaz Castro *Nimbos*–, mas a pica em Flandres inesperada proporcionará-a em 2003, um par de anos antes do esforço de Burla Negra, *Muxía, política na Costa da Morte* de Ricardo

Llovo, o único dardo gordo pós-Prestige, umha análise sobre o terreno duns comícios municipais de resultados trágicos.

Quem vai filmar a situação política do nosso tempo? As sucessivas possibilidades de cambio político ou vaivéns sociais temhem fácil translação fílmica. Surpreende que alguém tam pouco incisivo a estas alturas como Fernando León poda assinar um tratamento sobre Podemos. E na contorna, idem. Convinha animar-se, que depois nom digam que esta época nunca existiu.

Já o mencionamos noutras ocasiões nestas páginas, poucas som as exceções de intervençom, indagaçom ou compromisso com a realidade. Os autores delicados temhem outras preocupações, desconhecem ou pensam que tocando temas mundanos perdem subtileza. Quando existem, a maioria dos seus retratos estão reservados a outro tipo de personagens e situações. E um às vezes pensa que com certas decisions perdemos fol, grandeza, maior complexidade. Fundo e forma, contexto e texto nom som disquisiçoms ou termos que permaneçam isolados. A evasom é reação. O apolítico nom existe.